

bom dia

**agradeço** a quem teve a **coragem** de me convidar, no **risco** que isso acarreta.

**tenho gosto em estar aqui, bem rodeado**

e numa escola a quem reconheço a aventura de sua fundação e a coragem de sua persistência.

estou aqui, penso eu, pela **legitimidade** que o lugar de **director** da FBAUP confere, lugar que ocupo com **legitimidade democrática de ter sido eleito**.

mas não é com a voz dessa legitimidade que vos quero falar

quero **abandonar** a voz que legitima o que digo, com fundamento no meu percurso de vida de artista, de professor, de investigador.

assim, **mudo** agora de voz, passando a falar de **modo singular, despindo** o peso que a representação da comunidade acarreta, ainda que sem ignorar que minha própria voz transporta sempre a do que sou.

nesta voz **outra, despida**, revelo a consciência da minha própria **pequenez**.

poderia também dizer da **impotência** perante o enigma da complexidade dos tempos que vivo.

ofereço assim, nesta rouquidão minhas palavras, minhas opiniões francas, oferecidas a uma **legitimação externa**, vossa.

aqui sublinho o que pretendi dizer: que não considero decente a **proclamação auto-legitimada** de qualquer ideia, da palavra, do fazer artístico, do que quer que seja.

não esqueço a convicção necessária, apenas **distingo legitimidade de legitimação**

e, assim, independentemente da **legitimidade** de quem profere as ideias ou apresenta suas produções, **a legitimação** digo eu **terá de ser externa**, e esse externo dimensiono-o para o fora do grupo que confere a legitimidade.

o que digo e o que faço tem essa **fragilidade** de se apresentar na **suspensão do poder** que a legitimidade do que sou me permite, como artista, como docente, como professor, como director,...

**recusa de auto-legitimação**

nesta simplicidade me revejo perante um 'escola de arte', o 'ensino artístico', o 'fazer artístico'.

campos onde o **poder legitimamente exercido** deve ser suspenso no respeito e na escuta da **legitimação** que o terreno do que lhe é exterior lhe possa vir a conferir. este **interrelacionamento como essência do artístico**.

esta nota inicial, coloca-me neste debate num **lugar incómodo**, por me reconhecer pertença de um cargo, de um compromisso, de uma acção, de uma vida, **num dispositivo de poder**, regulador e reserva de um discurso hegemónico, parte legítima de uma sociedade que **fracassou**, que nos obriga hoje a deslocar do optimismo radioso que desde os finais do século XIX se pensava ser possível erguer, pelo menos nesta Europa dita de cultura, de liberdade, de igualdade e de fraternidade. também **lugar incómodo** por me saber num espaço de conforto social que me distancia das injustiças que me rodeiam.

Trago assim para aqui um pouco do meu **pessimismo** perante este **mundo fracassado**. Utilizarei aqui a palavra fracasso, **não como uma derrota**, mas como uma consciência mobilizadora de **superação** perante o acontecido, que não teve o sucesso anunciado e comumente assimilado. **Não como um olhar, mas como um desafio à acção**.

explico-me:

o **mundo ocidental**, no século XXI, desapareceu como promotor do desenvolvimento, e enquanto referência de um sistema político democrático, esperança de um mundo progressivamente mais equilibrado e 'melhor'.

Esta mudança resultado do **nosso** próprio **fracasso**, ainda que dissimulado, gerado na **ganância** que produziu um sistema global onde o 'mundo financeiro', escondido e incógnito, comanda, move governos e dita políticas, e irresponsavelmente desloca para fora de si as medidas-necessárias para superar os cataclismos financeiros por eles próprios criados.

todos hoje dizemos isto, embora sendo um lugar-comum não nos afasta desse mesmo fracasso.

Os resultados desse fracasso podem ser **medidos** na dimensão desmesurada dos excluídos, dos sem-emprego-e-sem-esperança, dos refugiados sem-espaço-e-sem-água, dos resíduos-sem-nome-e-sem-terra, dos novos-remediados sem futuro.

São tempos complexos e difíceis, tempos múltiplos e encruzilhados que obrigam a uma especial atenção, escuta e paragem perante o **enigma** que se nos apresenta.

**Enigma** colocado a quem reconhece o **fracasso** do existente e tenta ver o escondido. A quem se disponibiliza para conflitar a legitimidade de sua opinião com o que lhe é externo, quem entende que ninguém é em si detentor de um **segredo** revelador da salvação, mas que prefere procurar desvendar o **enigma que a complexidade comporta**.

São momentos de necessidade de **agir** ao encontro de uma acção esclarecedora, à mobilização de uma disponibilidade plena do corpo e do juízo, perante o que parece distante, o que se apresenta como distinto e que se sabe desconhecido.

O **desafio**, para quem se inscreve no artístico, será sempre o de enfrentar a complexidade e a esquizofrenia dos tempos, de numa procura sem fim procurar desvendar o **enigma**, num exercício de **suspensão** do **poder** que a **legitimidade** do artístico confere e legitima.

No rumo do que digo diria que a escola sendo um lugar particular, onde cada um realiza a sua vida e determina o seu modo singular de ser, terá de ser um lugar da **insubordinação** ao instituído, aos **saberes** construídos, e mesmo à **instituição** fundada na omissão da sua missão reguladora e difusora de discursos hegemónicos, realidade que compõe a paisagem do que nos cerca. **Um lugar de consciência do fracasso dos tempos e de reinvenção de novas possibilidades e de caminhos não pré-determinados.**

Trata-se de um tempo de inscrição de cada um no plano do seu esclarecimento de si, do seu relacionamento com o comum, de sua inscrição no mundo da arte e do artístico. Trata-se de um desafiar **permanente** dos discursos **auto-legitimados** e da coragem crítica para lhe conferir ou não **legitimação**.

Para tal, torna-se urgente promover as melhores condições relacionais para que cada estudante assuma a sua identidade crítica e agonística face à autoridade **legitimada** pela estrutura institucional, entendendo-se que a ele, ao estudante, cabe a escolha de seu percurso, num futuro que terá de se abrir para o que há-de vir, sem se prender ao existente, onde o **fracasso** social da sociedade e das suas **instituições** é notório.

Neste sentido, aos professores, aos artistas, é devido esse respeito pelo sujeito que povoa o aluno, e a suspensão do exercício do poder que o cargo lhe confere e as circunstâncias lhe permitem.

Encontre-se o tempo preciso para a **escuta**, de uns e de outros, a redobrada atenção perante a atrativa **facilidade da reprodução e da obediência**, encontre-se o espaço do **desconforto** onde a **irreverência** da arte se possa assumir perante o conflito inerente ao contemporâneo.

O artístico vincula-se ao fazer, ao criar substância às ideias e aos pensamentos, efectiva-se pelas acções que se exercem, pela imanência instalada, e para isso, em qualquer **escola de arte** encaram-se as aprendizagens do saber fazer com a experiência acumulada e a pesquisa inovadora, mas, essencialmente, deve procurar-se dar dimensão intensa aos sentidos do artístico que cada um encontra a partir de si e isso implica um olhar para o contemporâneo, um entendimento dos **enigmas** que este presente nos cria.

A arte entendo-a sempre como a produção de pensamento, a irreverência perante o conhecido e o existente, como um terreno do fazer pensar, é provocativa, inscrevendo sempre o autor no que realiza. Mas o que se realiza, com legitimidade que o autor lhe confere, deve ser encarada na necessidade de se confrontar para fora de si.

Não vos canso mais,  
agradeço a atenção.